

O estar 'montada': a Rua dos Andradas além do sexo como mercadoria

Diego Pontes Gonçalves¹
diegopontez@gmail.com

Resumo

O trabalho visa compreender, sob uma ótica etnográfica, como se faz a dinâmica da Rua dos Andradas e como se dão as relações entre os/as atores/atrizes envolvidos/as, sejam de afeto, conflito ou de poder, além de suas simbologias carregadas de peculiaridades e como elas são interpretadas e ganham significados no espaço em questão. Localizada na área central de Campos dos Goytacazes, interior do estado do Rio de Janeiro, tal rua abriga a área de prostituição travesti da cidade, que está marcada historicamente por ser a última do Brasil a abolir a escravidão e por ainda possuir fortes traços tradicionais de comportamento. Buscando apoio teórico nos estudos queer, a ideia da construção da identidade de gênero ganha valor, e os discursos que nos fazem pensar as categorias de gênero são colocados em xeque. Entendendo que xs sujeitxs contemporâneos trazem consigo marcas das diversidades e das movimentações, o trabalho ao mesmo tempo em que permite que seja aberto um campo reflexivo para questões acerca da pluralidade, propõe uma reavaliação das 'lógicas' que guiam as estruturas do campo da sexualidade no caso analisado, o que nos leva a pensar além dos limites dos corpos, da moral, das boas maneiras, enfim, do que é permitido ou não.

Palavras-chave: Travesti. Identidade. Teoria Queer.

Introdução

Falar sobre gênero implica inicialmente reconhecer que antes mesmo do capital, os corpos já hierarquizavam xs sujeitxs², ditando assim os comportamentos e os modos de existência feminino e masculino, sem termos o direito de questioná-lo. Com a sociedade heteronormativa sexualizada de forma controlada e com os papéis sociais definidos, o que deveria ser sentido, pensado e desejado estava dado, e os que subvertem a ordem quebrando essa regra normatizante, passam a se tornar alvo de pedagogias corretivas e punitivas.

Ao longo do desenvolvimento das sociedades ocidentais, sempre estiveram presentes em seus históricos, além de relações de poder ditas pelos corpos, diferentes formas de comercializar o sexo. *Cabarés*, ruas, bares, *casas de drinques* e hoje, nas sociedades sedentárias, além dos meios tradicionais, temos os jornais e a internet como espaço para a prática da prostituição.

A Rua dos Andradas, localizada na área central do município de Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro, abriga uma das áreas de prostituição da cidade, que possui uma cultura bastante tradicional. Nas palavras de uma travesti que abordei: "*credo! uma terra atrasada, cafona...*" (diário de campo, 04/06/09); tal rua pode ser identificada como uma área de prostituição predominantemente ocupada por travestis, mas pode constatar também, em menor número, a presença de garotos de programa, os *michês*, nesse mesmo espaço.

¹ Graduando do curso de bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Centro de Ciências do Homem – CCH.

² Ao assumir o desconforto do binarismo sexual e do sexismo linguístico, legitimado por uma linguagem patriarcal, o 'x' entra em cena para justamente propor uma desmasculinização da linguagem, identidades plurais, e a quebra do falocentrismo.

Pela rua, entre travestis e *michês* pude observar, por meio de corpos e discursos travestidos, a dinâmica daquele território, que é carregado de peculiaridades; bem como se estabelecem as relações, sejam de afeto, conflito ou de poder entre os grupos que ali estão. Observei ainda o uso do corpo para o comércio do sexo e para a construção da identidade, assim como o uso de uma linguagem própria, enfim, pude analisar os aspectos, que de certa maneira, mantêm vivo o território estudado, a Rua dos Andradas como área de prostituição, produzindo assim um olhar etnográfico sobre esse espaço.

No contexto da sociedade ocidental do final do século XX, que elegeu questões ligadas à intimidade, à vida privada e à sexualidade como alvo da reflexão sobre a construção da identidade da pessoa moderna, refutar sobre o comportamento sexual de grupos como o das travestis, por exemplo, implica reconhecer, principalmente com “a desassociação entre sexualidade e reprodução biológica da espécie, a partir do desenvolvimento dos métodos contraceptivos hormonais, nos anos 60, e o advento da epidemia de HIV/Aids, na década de 80”, (HEILBORN; BRANDÃO, 1999, p. 7) que novos impulsos ligados às investigações sobre os sistemas de práticas e representações sociais ligados à sexualidade foram dados. As autoras (1999) ressaltam ainda que o olhar antropológico caracteriza-se, em particular, por tomar de maneira mais ou menos radical a afirmativa de que os temas a serem investigados fazem sentido somente a partir da teia de significados e relações sociais que os sustentam em um determinado contexto. Assim, o que é sexo para um certo grupo não necessariamente é para outro, e os nexos estabelecidos entre essa dimensão e as demais da vida social também variam com tendências.

Pensar a *Rua dos Andradas além do sexo como mercadoria* foi o meu grande desafio nesse trabalho, que apresenta uma análise baseada em observações diretas realizadas nas noturnas idas a campo, trocas de informações com outros pesquisadores da área em questão, abordagens, depoimentos coletados e leituras afins. Com o objetivo de desconstruir preconceitos e estigmas relacionados às travestis, e com isso romper com certos mitos que pairam as ideologias que guiam os campos do gênero e da sexualidade, colocando-as como algo ‘natural’ e anterior à cultura, o desafio desse trabalho consiste em inserir xs leitorxs no debate contemporâneo sobre gênero e sexualidade, e conseqüentemente sobre o que diz respeito à pessoas que subvertem a ordem e, quebrando as regras e transgredindo os arranjos, inventam alternativas, experimentando o corpo e a sexualidade de outra maneira. Ao contestarem e colocarem em xeque as redes de poder que serviram como base para a construção social da sexualidade e dos gêneros, e denunciando as formas de manutenção de tal ideologia, esses sujeitos acabam por propor uma outra forma (ou formas plurais) de se pensar no mundo, sendo esta, de fato, uma capacidade de expressão política. É nessa arena que surge, estrutura-se e fundamenta-se a *Teoria Queer*, que utilizarei como base teórica para pensar as travestis presentes na Rua dos Andradas neste trabalho, e desenvolverei uma ideia adiante.

Tentando fugir ao máximo do *senso comum*, já que ao tratar gênero na antropologia encontramos o forte embate no que diz respeito à influência do sexo do pesquisador na abordagem do objeto, e também sabendo que essa temática é tão carregada de opiniões acríicas e imediatistas, tomo como ponto de partida a busca do conhecimento real sobre o tema proposto, reconhecendo que não há, assim, uma razão universal pairando sobre as condutas, e muito menos sobre os significados do que seja sexual. Parker (1994) argumenta que “o sexual não se restringe à dimensão reprodutiva, tampouco à psíquica, estando impregnado de convenções culturais acerca do que consistem a excitação e a satisfação erótica, *constructos* simbólicos que modelam as próprias sensações físicas.”

O primeiro contato: “tô na rua amiga”

Noite de quarta-feira, 03 de junho, fui à campo carregado de uma vontade de tentar entender como a prostituição se faz na Rua dos Andradas. Com a ideia de deixar com que neste primeiro momento o campo falasse por si, cheguei ao centro antigo da cidade de Campos dos Goytacazes. Em uma rua paralela à Rua dos Andradas abordei um segurança de rua e sobre aquela região perguntei se costumava ser uma área violenta ou se teria algum perigo andar por ali naquele horário. Observei em um primeiro momento um estranhamento por parte do segurança, que me respondeu sem entender o porquê de eu querer saber aquilo e o que eu queria por ali. Em meio a essas interrogações não vi problemas em continuar a minha busca pelo primeiro contato com a rua em questão.

Chegando à Rua dos Andradas observei que se tratava de uma rua bem estreita, como outras da área central antiga da cidade, e que abrigava também uma área residencial e comercial. Segundo Fagno Pereira da Silva:

(...) O centro antigo da cidade é o lugar que canaliza e se caracteriza por uma diversidade comercial. De ambulantes vendendo os mais variados tipos de mercadorias à redes de lojas mais sofisticadas. E por importantes construções datando o período da monocultura da cana-de-açúcar por uma pequena elite canavieira desta agricultura. (...) O centro antigo torna-se um lugar de passagem primordial para quem vem à cidade fazer compras ou até mesmo passear pelo comércio local. É um dos acessos para quem vai para o calçadão ou para outros lugares é a área de prostituição da cidade. Região moral imperceptível durante o dia pela sua atividade econômica e comercial. Mas que se metamorfoseia de repente com o pôr-do-sol. (...) (SILVA, 2009).

Sobre o forte tradicionalismo e conservadorismo característicos da cidade de Campos dos Goytacazes, Silva e Bila (2007) afirmam que:

(...) Campos dos Goytacazes foi e ainda é uma cidade onde os valores tradicionais estão bastante presentes. Não raro, as pessoas locais, sobretudo aquelas de classe média que se consideram “especiais” perguntam aos desconhecidos a que família eles pertencem. (...)

* * *

Em uma das primeiras esquinas percebi a presença de uma travesti “fazendo ponto”, como elas assim dizem. Essa mesma travesti, que era bem alta, negra e possuía fortes traços masculinos, trajava um *short jeans* bem curto, um sapato com o salto bem alto, uma blusa branca com algumas estampas e tinha em mãos uma bolsa prateada; ela falava ao celular:

(...) “tô na rua amiga, gelada, quero ir embora, não consegui nada hoje.” (...) (diário de campo, 03/06/09)

Pude a partir disso pensar sobre os dias de maior movimento na rua, que se davam nos finais de semana. A rua me mostrou ainda uma certa organização: de esquina em esquina corpos, expressões, grupos e convites ao sexo pago formavam a atmosfera do momento. Tive a oportunidade nessa minha primeira ida à campo de estabelecer um diálogo com algumas travestis, um *michê*, e uma que se identificou nesse primeiro contato como mulher e garota de programa. Percebi que o feminino estava ali presente, independente de corpos biológicos, e mesmo que maquiado e modelado de forma exagerada. Eu diria que o campo mais que falou, ele gritou!

Crise de Identidade: entra em cena a Teoria Queer

No final dos anos 80, começa a ser desenvolvida, nos Estados Unidos, a *Teoria Queer*. Ativistas e pesquisadores começam a traçar duras críticas ao discurso da heterossexualidade, do patriarcado, das políticas de identidade e do capitalismo, que se reproduzem como modelo de poder. A partir da quebra da concepção de que as sexualidades seguem um curso natural, e da aceitação das categorias de gênero como algo socialmente construído, visando estabelecer a dominância de uns/umas sobre xs outrxs por meio da rotulação, classificação e separação em grupos por corpos, expressões e identidades, a *Teoria Queer* nasce em um cenário de críticas ao binarismo homossexual/heterossexual como forma de expressar e classificar as sexualidades.

Normalmente entende-se *queer* como sinônimo de LGBT³, este entendimento falha em analisar as experiências *queer*. Seu uso contemporâneo é utilizado para descrever gêneros e sexualidades que não se conformam com a sociedade heteronormativa, mas também pode ser entendida como uma identidade que se aproxima daquelas pessoas que estão marginalizadas e oprimidas. Em resumo, *queer* é a resistência ao regime do "normal". Suas políticas se apresentam como contrárias às redes de poder que guiam as relações humanas, assim como ao heterossexismo institucionalizado e às mobilizações antigay que reinformam e legitimam a heteronormatividade. Veem as identidades como múltiplas, inclassificáveis, contraditórias, fragmentadas, incoerentes, disciplinares, instáveis e variáveis.

A ideia proposta pelos teólogos e pelos ativistas de positivar o termo pejorativo, *queer*, usualmente ligados aos homossexuais, que segundo Louro (2008) “pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, permite compreender *queer*, também, como “o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível. *Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina.” (LOURO, 2008).

Rompendo paradigmas, quebrando ordens e discursos, travando uma crítica à sociedade heteronormativa e homofóbica, ao sexo como ‘algo’ anterior à cultura, à existência de um modelo padrão de reproduzir o masculino e o feminino, assim como a esse jogo binário sexual, na *Teoria Queer* xs sujeitxs e as diversidades ganham valor. Com os papéis definidos e a sociedade sexualizada, os desviantes das normas sexuais subvertem a ordem e propõem além de mudanças nas políticas sexuais, entram no campo social, fazendo com que ordens que ditam a moral e as boas maneiras sejam repensadas sob uma ótica libertária, “passando a entender *queer* como uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas.” (COLLING, 2005). Com isso, Louro (2008) diz:

(...) o efeito e o impacto das experiências desses sujeitos são tão fortemente políticos – o que eles ousam ensaiar repercute não apenas em suas próprias vidas, mas na vida de seus contemporâneos. Esses sujeitos sugerem uma ampliação nas possibilidades de ser e de viver.

A construção e assimilação de um modelo homossexual descrito como ‘o normal’ - rico, monogâmico, detentor de poder -, claramente reproduz a estabilidade da heterossexualidade, do patriarcado, do binário de gênero, do capitalismo. Assim a intolerância existente entre esses grupos classificados pelas categorias de gênero e sexualidade, se legitima por meio de discursos que visam manter a hierarquia sexual posta.

Tendo uma forte influência pós-estruturalista, as ações e os debates teóricos presentes no ambiente onde o *queer* se estrutura e se expressa, mostram que o “que estava sendo posto em xeque, nesses debates, era a concepção da identidade homossexual unificada que se vinha constituindo na base de tal política de identidade.” (LOURO, 2008). Entre tensões internas travadas pelo embate de ideologias expressas em diferentes níveis radicais no interior do movimento gay dominante, o *queer* surge “com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização.” (LOURO, 2008).

A identidade homossexual com isso estava em crise, a sexualidade vigiada e controlada, pelo Estado, pela família, pelas igrejas ou pela ciência, passa a ser pensada a partir de um processo de desconstruções diante da metodologia *queer*. Segundo xs teóricxs *queer*, a oposição heterossexualidade/homossexualidade, presente na cultura ocidental moderna deveria ser (re)pensada com base nas desconstruções, o que provocaria novas percepções a respeito do sexo, da sexualidade e dos gêneros, e romperia com mitos implantados sobre xs sujeitxs que escapam à via planejada.

Ao instigar rupturas, não apenas de políticas de assimilação, mas do próprio sistema capitalista, os estudos *queer* alertam “para o fato de que uma política de identidade pode se tornar cúmplice do sistema contra o qual ela pretende se insurgir.” (LOURO, 2008),

³ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

O desafio presente nos debates *queer*, mostra-se não apenas em assumir que as posições de sexualidade e gênero multiplicaram-se, tornando assim impossível lidar com elas guiadas por esquemas binários; mas perceber e admitir que os limites da identidade imposta podem ser repensados, contestados, subvertidos, ultrapassados, fazendo com que as decisões sobre o corpo se tornem inevitáveis. Assim, “apesar do rigor conceitual, a teoria *queer* pretende mais é provocar o estranhamento nas próprias formas de pensar, inclusive as acadêmicas.” (COLLING, 2005)

Jogo dos espelhos: “toda feita”; pensando o território, o corpo e a identidade

Em todas as idas a campo observei um verdadeiro ‘jogo dos espelhos’, travestis se olhavam em pequenos espelhos que cabiam em suas bolsas, que na maioria das vezes eram bem pequenas. Enquanto conversavam sobre relacionamentos, e comentavam os valores dos últimos pagamentos pelos programas, retocavam a maquiagem, penteavam os cabelos, olhavam os dentes e se diziam “toda feita”.

Pensando sobre esse comportamento praticamente padrão, questionei-me sobre o modo que elas se viam refletidas no espelho. De que modo elas se identificavam? Elas se identificavam?

Ao abordar uma travesti, que aqui chamarei de Maria T., observei a forte questão da identidade em suas palavras: (...) “*Eu só me visto como menininha, mas não me vejo como uma, sou travesti, tenho ‘pinto’, gosto de ousar, sempre gostei, tô sempre bela, ‘toda feita’.*” (...) (diário de campo, 26/06/09).

Foquei, nessa mesma abordagem, a utilização do corpo na construção da identidade e como ferramenta de trabalho. Ao mesmo tempo em que conversava com Maria T., o movimento de procura por sexo se fazia. Carros passavam por nós e olhavam a forma ousada com que Maria T. se comportava, uns a chamavam, outros seguiam direto observando as outras travestis que se distribuíam pelas esquinas ao longo da rua. A respeito da circulação de clientes na rua, constatei que a busca por sexo se faz em maior parte por homens, seja de carro, de moto, de bicicleta ou a pé.

Maria T. estava toda de *cor-de-rosa* - vestido, maquiagem, sandália e bolsa, tudo combinando -, e quando algum carro passava por ela, a exibição acontecia. Ela passava as mãos pelo corpo, levantava o vestido dizendo que estava com calor, gemia e oferecia sexo. Não parecia inibida.

No discurso de uma outra travesti abordada, Joana S., que conversei em uma das últimas idas a campo do primeiro semestre de 2009, encontrei uma visão oposta à da Maria T. Quando a pergunta foi sobre o modo que ela se vê refletida no espelho, disse:

(...) “*Quando me recusei a ser homem, a me olhar no espelho e ver barba, que sempre odiei ter, ver roupas simples e largas, me recusei também a me ver como homem, por dentro sempre fui mulher, mesmo quando tinha barba (...) hoje sou uma mulher de verdade.*” (...) (diário de campo, 03/07/09)

A travestilidade, portanto, pode ser vista como o processo de construção baseado em comportamentos culturalmente definidos como pertencente ao sexo feminino, e que expresso nos corpos, muitas vezes de forma exagerada, subvertem a ordem, no sentido que quebra com o padrão heteronormativo. SILVA e BILA (2007) dizem categoricamente:

(...) O travesti era a revelação expressiva, ainda que paradoxal, de desejos ocultos de indivíduos. Ele significava a transgressão aos modelos hierárquicos e intransponíveis, que a cultura moldou para cada um dos sexos. Significava uma extrema subversão para a sociedade da época e representava uma afronta à natureza e a ordem *natural* das coisas. (...) as roupas marcavam diferenças entre homens e mulheres, trocá-las significava atentar contra os padrões morais da sociedade. (...).

Assim, a necessidade da subversão pelos corpos, apresenta-se também como a capacidade de expressão política. Fortes maquiagens, saltos bem altos, roupas extravagantes, enfim, características femininas socialmente impostas, expressas nos corpos travestidos de forma *glamourosa* representam

subversão, reconhecimento, expressão. A Rua dos Andradas se apresenta como um território onde as identidades sociais são expostas, construídas, formadas e expressas; onde grupos de travestis e alguns michês que organizados por afinidade, espalham-se pelas esquinas dando forma à rua.

Ao tentar abordar uma aparente garota de programa, vou chamá-la de Vivian M., percebi que ela não estava muito aberta a diálogos, dizendo-me apenas seu nome e que era mulher. Com o *desenrolar* do trabalho, pude constatar que não se tratava de uma mulher, mas sim de uma transexual, revelado por outra travesti que deixou claro que: (...) *“não me dou com as bichas do lado de lá, elas são muito recalçadas!”* (...) (diário de campo, 04/07/09). Conflitos também fazem parte dessa rua. Não constatei assim, a presença de nenhuma garota de programa na Rua dos Andradas. O comércio do sexo nesse território se faz apenas por michês e travestis.

Sobre os michês, tive a oportunidade de conversar com dois dos cinco que alí trabalham (informação obtida por um dos michês), ambos se veem como homens, vestem-se como homens e são portadores de histórias de vida semelhantes. Eles começaram a se prostituir logo que foram colocados para fora de casa quando seus pais descobriram que eles eram homossexuais.

Um deles falou:

(...) *“não tinha para onde ir, conheci uma ‘tia’ (travesti) que fazia ponto aqui, onde tô até hoje. Mas só venho de vez em quando”* (...) (diário de campo, 21/06/09)

4.1. As “bichaboy’s”

Ao tentar entender como se dava a dinâmica do processo de *‘montagem’* entre as travestis, deparei com o termo *‘bichaboy’* utilizado por uma travesti que me explicava como se deu o seu processo de montagem. Ela falava

“como era difícil ‘sair do armário’ quando eu era mais nova; era aquilo, só me montava às vezes, saía com umas amigas, curtia de mulherzinha nos shows que aconteciam na Praça São Salvador, e no outro dia voltava a ser Pablo, era uma ‘bichaboy’; depois de velha comecei a tomar hormônios e vi meu corpo em mais ou menos um ano mudar bastante” (...) (diário de campo, 12/08/09).

Nessa mesma conversa uma outra travesti, que disse ter 18 anos, falou-me que começou a se montar pelo mais fácil - fazendo a sobancelha, deixando o cabelo e as unhas crescerem e a se depilar. Ela diz:

(...) *“Ainda não posso mudar o corpo; ainda não saí de casa, (...) sei que nunca colocaria silicone, morro de medo dessas coisas, comecei a tomar hormônios, mas como sou alérgica tive que parar, (...) só me monto pra vir pra ‘pista’ mesmo, durante o dia sou boyzinho”*(...)

Assim, pensando a construção e a assimilação de identidades de gênero, ligadas à ideia de um rompimento de paradigmas, de quebra de ordens e discursos, e percebendo a existência de um modelo padrão de reproduzir as sexualidades, entende-se a construção social da travestilidade, a *‘montagem’*, como uma ação que subverte a ordem social, propondo reflexões sobre as identidades sexuais e de gênero e colocando em xeque os conceitos tradicionais de poder, conhecimento e educação, logo, a questão da *‘montagem’* pode ser compreendida como algo que ultrapassa o campo da sexualidade.

Por isso, a travestilidade contava com forte repressão social, principalmente dos setores tradicionais. O travesti evidenciava que as categorias sociais não eram naturalmente determinadas como queriam as ciências médicas e biológicas, mas que o gênero era uma construção social. (SILVA;e BILA, 2007).

Violência: “cuidado, é ‘doce’!”

Presente nesse cenário, diversas formas de violência foram observadas contra as pessoas que ali trabalhavam comercializando o sexo. Agressões físicas, psicológicas e morais são travadas nessa área. Segundo relatos, essas ações ocorrem com uma certa frequência. Larissa W., uma travesti que abordei diz que (...) “no ano passado um carro parou aqui, desceu um homem com um pedaço de pau na mão e saiu correndo atrás de mim, fui até no final da rua correndo, (...) a vida na noite é um perigo!” (...) (diário de campo, 17/06/09).

As travestis usam entre elas a expressão ‘doce’ quando querem se referir à uma situação perigosa, por exemplo, um programa não pago ou mesmo violento. Maria T. me contou sobre um programa (...) “que rolou no carro mesmo, ele era belíssimo, mas não valia nada, me bateu e não quis pagar pelo programa, bem que minha amiga tinha falado ‘cuidado, é doce!’” (...) (diário de campo, 26/06/2009).

Outras manifestações de repúdio à Rua dos Andradas também foram relatadas. Carros passam e jogam pedras, ovos, água e outros objetos na direção das travestis, que por sua vez, defendem-se entre elas dependendo do grau de afetividade estabelecido por e entre elas. Parte das travestis admitiu andar com estilete na bolsa para se defender dos perigos que a noite pode trazer.

Com contínuas idas a campo constatei que o ‘doce’ também pode ser compreendido como um ‘presente’ dado de uma travesti para outra, um verdadeiro acerto de contas de brigas ocorridas entre elas. Larissa W. me revelou em uma abordagem que (...) “as bichas daqui são rancorosas, trocam ‘presentes’, é uma armando pra outra, acertando as diferenças (...) tem umas que jogam sujo mesmo, armam ‘doce’ e tudo” (...) (diário de campo, 26/06/2009).

Nesse sentido pode-se dizer que as violências que nascem de conflitos travados na Rua dos Andradas ultrapassam os limites da rua.

A diversão não mora ao lado: “a ‘Up!’ não é o lugar”

Entre as estreitas ruas que atravessam a Rua dos Andradas se localiza a boate *Up!*. Cores alaranjadas, letreiros prateados e holofotes caracterizam o lugar que funciona toda sexta-feira e todo sábado (dias mais movimentados pela Rua dos Andradas) e se consolida como um território predominantemente *GLS*⁴. Localizada no mesmo quarteirão da Rua dos Andradas a boate se apresenta como um cenário para a socialização entre homossexuais e *hetero-liberais*. Músicas, bebidas, expressões corporais e ‘pegações’ fazem parte desse ambiente. Ao etnografar a cena gay da cidade de Campos dos Goytacazes, Fagno Pereira da Silva (2009) diz que os próprios relatos da proprietária da discoteca esclarecem para compreender as diferentes formas de vivenciar sexualidades consideradas desviantes: “criei [a proprietária] essa casa para atender as necessidades deles (gays e lésbicas), pois antes possuía sobre minha gerência um quiosque⁵, mas eles queriam um espaço fechado”, e se refere às travestis como “um grupo complicado e perigoso.”

Segundo uma travesti abordada enquanto *fazia ponto*⁶ na esquina da boate, (...) “lá só tem ‘bichaboy’, a *Up!* não é o lugar” (...) (diário de campo, 18/09/2009).

Além da clara hierarquia da beleza presente na rua observada, onde as travestis se distribuem até onde a beleza as deixa ir, ou seja, as mais ‘preparadas’⁷ ficam em pontos mais lucrativos e também cobram mais caro, e dos conflitos existentes entre elas e os moradores da Rua, abriu-se espaço para reflexões acerca de um possível conflito entre as travestis e os frequentadores da boate *Up!*

A heteronormatividade e a homofobia se apresentam como meios de intolerância e manutenção de redes de poder entre os indivíduos que pertencem àquela área, levando a pensar em relações de poder existentes na chamada *cena gay* de Campos dos Goytacazes, e promovem a manutenção do conflito existente entre esses grupos. As travestis vistas como sujas e inferiores não frequentam a boate, assim, um sistema de

⁴ Sigla de Gays, Lésbicas e Simpatizantes. A expressão é frequentemente utilizada no Brasil para definir espaços e locais destinados ao público gay, como por exemplo, um bar ou “boate GLS”.

⁵ Antigo local de sociabilidade gay da cidade, localizado às margens do Rio Paraíba do Sul.

⁶ As travestis que comercializam o sexo utilizam tal expressão para dizer que estão nas esquinas, fazendo programas.

⁷ As travestis que mais se aproximam do que nos foi dito e passado como feminino.

classificação de indivíduos em superiores e inferiores se afirma na Rua dos Andradas. No discurso de Mariza M., travesti abordada em uma das últimas idas a campo, esta ideia se afirma: (...) “*As bichas daqui não vão pra lá não (...) pra entrar lá não pode ‘tá’ montada, as bichas de lá tem nojo (...) não entendo isso, é tudo bicha mesmo.*” (diário de campo, 04/11/2009).

As tensões geradas nesse espaço mostra o quão essas regiões morais são distintas, mesmo que pertencendo ao mesmo espaço geográfico. Para Kulick (2008) “travestis sabem muito bem que todos os brasileiros são habituados desde cedo com os estereótipos depreciativos a seu respeito, e sabem que, país afora, até os próprios gays tendem a desprezá-las e condená-las.”

Linguagem: o universo das ‘monas’

Descobri na Rua dos Andradas um universo cheio de simbolismos e significados. A linguagem como característica marcante dos grupos ali existentes me chamou a atenção. Sobre isso o depoimento de uma das travestis, Ana J. se mostra pertinente:

(...) “*só as macumbeiras mesmo pra entender nossa língua*” (...) (diário de campo, 29/06/09).

Parte dos termos utilizados por elas vêm de origem africana (*Iorubá*⁸). Por exemplo, elas utilizam o ‘*mona*’, que significa mulher, para se comunicarem entre elas e se referirem umas as outras, dando assim um novo significado ao termo, apresentando-o como esse outro tipo de mulher, as ‘damas de paus’ ou mulheres de pênis. Fagno Silva (2009) demonstra que as travestis adaptaram e redefiniram este termo, transformando-o em uma categoria nativa para designar as mulheres com pênis, com seios e com formas anatômicas femininas.

Nesse mesmo espaço a observação da linguagem corporal também ganha valor, ações que dizem respeito ao que *estar montada* naquele cenário quer dizer podem ser vistas como a afirmação da Rua como uma área onde ocorre prostituição de travestis.

Conclusão

Ao fim desse meu contato com a Rua dos Andradas, pude perceber como se desdobram as relações entre as pessoas que fazem parte de um cenário que vai muito além do sexo como mercadoria, fazendo assim a prostituição nessa área existir. Observei ainda, sob uma ótica etnográfica, características de um grupo carregado de simbolismos, as travestis; podendo assim produzir um novo olhar sobre a temática. Um verdadeiro trabalho de construção e desconstrução se fez.

Com efeito, pude observar como, por meio do discurso, a ordem das relações de poder presente na base das relações entre as mulheres e os homens exerce poder controlador direto sobre a sociedade. Dado que na sociedade contemporânea, xs sujeitxs trazem consigo as marcas da diversidade, das instabilidades, das movimentações, essxs mesmxxs sujeitxs, ao desestabilizarem as normas sociais, propõem formas de pensar que vão além da sexualidade e dos limites conhecidos, refletindo assim diretamente sobre formas de ser na sociedade.

Diante de reflexões acerca do que *estar ‘montada’* no tradicionalismo e conservadorismo da cidade de Campos dos Goytacazes quer dizer, pude pensar sobre os versos expostos na rodoviária nova da cidade: *Ontem como hoje o sonho campista continua sendo a liberdade*, e procurar entender, com base nos estudos *queer*, como essa rua funciona abrigando além da busca pelos prazeres nas noites de Campos dos Goytacazes. Ali encontrei símbolos, corpos, identidades (em crise ou não), conflitos, enfim, encontrei histórias, dentre muitas outras que podem ser contadas.

Acreditando que a função social da antropologia e da *Teoria Queer* permitiria justamente a reavaliação das

⁸ O *Iorubá* foi uma civilização africana. Prisioneiros de guerra, vendidos como escravos para as fazendas brasileiras, trouxeram suas crenças nos orixás, assim como, a sua linguagem até hoje falada nos terreiros de candomblé. A aceitação das travestis nesses terreiros explica a relação desse culto religioso com as travestis, que aprendem com o candomblé as suas palavras e procuram inseri-las em seu cotidiano.

lógicas que guiam as estruturas de poder presentes no campo da sexualidade e do gênero no caso analisado, pode-se a partir disso pensar além dos limites dos corpos, da moral, das boas maneiras, enfim, do que é permitido ou não, e questionar: qual o política dos nossos desejos em um ambiente de verdades que variam com as tendências?

Referências

COLLING, Leandro. *Mais definições em trânsito*. Bahia: Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2005.

GAMSON, Joshua, O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org). *As sexualidade, a teoria queer e a pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HEILBORB, Maria Luiza (Org). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo Estranho: Ensaio Sobre Sexualidade e Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PARKER, R. G. Diversidade sexual, análise sexual e educação sobre Aids no Brasil". In: LOYOLA, M.A. (Org). *Aids e sexualidade: o ponto de vista das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UERJ, 1994. p.141-59.

SILVA, Marinete dos Santos; BILA, Fabio Pessanha. Travestis em Campos dos Goytacazes: dois tempos, duas memórias. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA, 8., Rio de Janeiro, Anpuh-Rio, 2007.

SILVA, Fagno Pereira. *Ordem tensa na "pista": as rotinas da prostituição travesti na cidade de Campos dos Goytacazes*. Trabalho (Conclusão de curso em Serviço Social) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2009.